

COSTURANDO FIOS DE MEMÓRIAS: UMA INVESTIGAÇÃO DA IDENTIDADE DO FAZER-SE DOCENTE

João Antônio de Sousa Lira (graduando em pedagogia/UFPI)

RESUMO: Analisamos neste trabalho as memórias da professora *Machado*, mais precisamente as memórias dos tempos de escola que a mesma vivenciou, para verificar até que ponto essas memórias influenciaram-na a seguir a carreira docente, e como essas memórias e vivências são trazidas para dentro do exercício da profissão. Utilizamos como fonte de pesquisa histórica a história de vida e como metodologia a história oral, a memória por sua vez se torna parte da metodologia da história oral, pois é através da oralidade que o indivíduo conta sua história de vida. Como suporte teórico utilizamos BURKE (1992), HALBWASCHS (1990), BARROS (2009), NASCIMENTO e FERRO (2010), entre outros. Entendemos que ser docente está imbuído um punhado de sentimentos que se entrelaça entre o profissional e o pessoal, pois é inevitável separar estas duas esferas, uma vez que estas se complementam.

Palavras-chave: Docente, História de vida; Memória.

ABSTRAT: We analyze in this paper the memories of Professor Machado, more precisely memories of school days that it lived to see to what extent these memories influenced her to pursue a teaching career, and how these memories and livings are brought into exercise the profession. Our sources of historical research the life history and oral history as methodology, the memory in turn become part of the methodology of oral history, for it is through oral tradition that the individual tells his life story. How we use theoretical support BURKE (1992), HALBWASCHS (1990), BARROS (2009), NASCIMENTO and FERRO (2010), among others. We understand that being a teacher is imbued with a bunch of feelings that intertwines between the professional and personal, it is inevitable to separate these two spheres, since they complement each other.

Keywords: Teacher, Life History, Memory.

INTRODUÇÃO

O passado, as nossas lembranças e memórias de algum modo influenciam nosso modo de agir e pensar sobre as circunstâncias que nos são apresentadas no decorrer da vida. Cada pessoa traz em si marcas de seu passado, essas marcas podem ser boas ou ruins, porém são estas que nos fazem compreender nossas práticas dentro de um contexto histórico social concreto. Visto que as lembranças e as nossas memórias nos influenciam no modo de ser, compreender e estar no mundo, costuramos neste trabalho as memórias da professora *Machado*, mais precisamente as memórias dos tempos de escola que a mesma vivenciou, para

verificar até que ponto essas memórias influenciaram-na a seguir a carreira docente, e como essas memórias e vivências são trazidas para dentro do exercício da profissão.

Utilizamos como fonte de pesquisa histórica a história de vida através da rememoração de aspectos considerados relevantes na construção da identidade do fazer-se docente como a trajetória escolar que a professora vivenciou. Porém, antes da memória, e da história de vida chegarem a ser consideradas fonte de pesquisa histórica, passaram por um dilema metodológico, sendo estas consideradas por muito tempo como uma fonte de pesquisa marginal. Segundo Aranha (2006) foi com a escola de Anais em 1929, que historiadores buscaram parcerias com outras ciências, para melhor compreensão da história, dando ênfase a outras possibilidades de a História ser contada por outros viés além as história oficial.

As fontes estão na origem, constitui o ponto de partida, a base, o ponto de apoio da construção historiográfica que é a reconstrução, no plano do conhecimento, do objeto histórico estudado. Assim, as fontes históricas não são a fonte da história, ou seja, não é delas que brota e flui a história. Elas, enquanto registros, enquanto testemunhos dos atos históricos, são a fonte do nosso conhecimento histórico, isto é, é delas que brota, e nelas que se apoia o conhecimento que produzimos a respeito da história. (SAVIANI 2004, p. 5-6).

De acordo com Ferro e Nascimento (2009) a partir do século XX, houve mudanças significativas nas práticas de pesquisa, como a utilização de fontes verbais na pesquisa, inclusive fazendo uso de instrumentos tecnológicos como gravadores e filmadoras. A partir daí novas interpretações e novos significados foram dados, novos conceitos foram incorporados para ampliar a compreensão histórica de um povo, visto que, o que se conhecia até então era uma história criada em modelos europeus, sendo assim, excluindo a identidade brasileira.

Indo de encontro com a perspectiva da Nova História Cultural do qual Burke diz (1992, p. 2) “a nova história é escrita como uma reação deliberada contra o paradigma tradicional.” Ainda para o mesmo autor, a Nova História começou a se interessar por virtualmente toda a História, inclusive a história vista a partir de novo paradigma, que é a história escrita e contada por outros personagens, além daquelas “escrituras” que contam feitos de “grandes homens”, “heróis”, sendo assim a história de vida ganha contornos temporais, sociais, culturais e subjetivos, pois o individuo que viveu determinado período, produziu seu existir social

Nesse sentido, nosso intuito é analisar a história de vida da professora *Machado* utilizando como fonte de pesquisa à história de vida, e como metodologia a história oral. Para Ferro e Nascimento:

“As histórias de vida são concebidas como fontes, não ingênuas ou aleatórias, mas como resultados de experiência social, onde a subjetividade encontra sua potencialidade e sua forma de contribuição na valorização dos sujeitos e processos sociais, desenvolvidos e protagonizados em contextos específicos de formação e interação” (FERRO, 2009: p, 74)

A história de vida sendo como resultado de experiência social, e concebendo o indivíduo como um ser que interage com as instituições sociais que estão inseridas, podemos dizer que é nessa interação de troca entre indivíduo/instituição que as lembranças e memórias são constituídas.

MEMÓRIA E EDUCAÇÃO

A memória desde os primórdios era utilizada para contar, repassar mitos através da oralidade, uma vez que a palavra escrita não existia, e se existia nem todos tinham acesso a ela. Nesse processo de contar mitos a utilização da memória era de total relevância, pois passava adiante costumes e tradições da sociedade para as novas gerações. Para nós particularmente, a memória, sempre esteve entrelaçada com a história, uma vez que, todo e qualquer documento seja escrito ou oral se utiliza dessa capacidade cognitiva para afirmar valores na sociedade. Para Barros (2009, p 37) “devemos pensar na Memória como instância criativa, como uma forma de produção simbólica, como dimensão fundamental que institui identidades e com isto assegura a permanência de grupos”.

Para o senso comum a memória em sentido mais estrito da expressão está ligada a presença do passado, mas existem outras definições com rigor mais técnico – científico. Alguns psicólogos entendem a memória como uma construção psíquica e intelectual que traz uma representação seletiva do passado. Porém a memória nunca é somente a do indivíduo isolado, mas de um indivíduo inserido em um contexto social (família, religião, escola, etc.), “nenhum homem é uma ilha isolada”, ou seja, todos nós nos relacionamos seja direto ou indiretamente com as instituições sociais. Na concepção de Maurice Halbwach (1900), toda

memória é coletiva. Para Rousso (1998) a memória é um elemento essencial da identidade, da percepção de si e dos outros.

Até aqui podemos entender melhor a definição de memória, mas em que sentido a memória pode contribuir para a compreensão da educação? Em que essas novas fontes de pesquisa em história influenciaram a história da educação? Segundo Lopes e Galvão:

“temas como a cultura cotidiana escolar, a organização e o funcionamento interno das escolas, a construção do conhecimento escolar, o currículo e as disciplinas, os agentes educacionais, a imprensa pedagógicas, os livros didáticos (...) tem sido crescentemente estudados e valorizados” (LOPES e GALVÃO, 2001: p, 40).

Sendo assim a memória individual que é também coletiva, contribui na compreensão da educação no momento em que por meio da rememoração constroem significados que orientem práticas pedagógicas.

No que diz respeito ao tema proposto a ser discutido neste trabalho, a história de vida é uma fonte de pesquisa que necessita de uma metodologia, no caso a metodologia da história oral. A memória por sua vez faz parte da metodologia da história oral, pois é através da oralidade que o indivíduo conta sua história de vida, fazendo a rememoração de acontecimentos que influenciaram o modo de vida da pessoa, e principalmente o modo de ser e está na profissão.

TECENDO A IDENTIDADE DOCENTE: OS FIOS DA MEMÓRIA

Utilizando a metodologia da História Oral, entrevistamos a professora da Rede Estadual de Educação do Estado do Maranhão Machado, graduada em História pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Nascida no povoado de Porto Alegre, até então município de Antônio Almeida, *Machado* é a filha mais velha dentre as mulheres de um casal de sertanejos, que tiveram seis filhos.

Começamos a costurar as memórias da professora pedindo para que a mesma narrasse como foi sua infância, uma vez que é na infância que ocorrem episódios expressivos que

edificam o lugar que a criança irá ocupar na família e, posteriormente, no mundo; ou seja, sua história já está se construindo. Aqui, os fios de memória da professora começam a costurar o texto, a mesma nos fala um pouco de sua infância:

“minha vida foi muito difícil, principalmente quando eu era criança. Aos 8 anos deixei meus pais para estudar, lá na cidade de Nova Iorque – MA, na casa de meu tio Zezim, irmão de meu pai, o mesmo não tinha filhos”

Com esse fio de memória, podemos entender que, para Machado deixar sua família, aos 8 anos foi difícil uma vez que estaria deixando para trás seus pais, irmãos e estaria indo para um lugar totalmente diferente, onde sua rotina seria modificada. O motivo para essa mudança de localidade fica esclarecido na fala de Machado “estudar”, pode-se fazer uma conjuntura da realidade vivenciada naqueles anos de 70, não só por Terezinha mais por centenas de pessoas que deixaram suas famílias para ir à busca de conhecimento, mesmo que isso significasse uma mudança drástica no modo de vida. A costura continua, e já instalada na cidade de Nova Iorque Machado nos diz:

“então comecei a estudar já na 2ª série, e minha professora era muito boa, e muito responsável, preocupada com a aprendizagem dos alunos, essa professora se chamava Marinalde, e era prima do meu pai. Os alunos nenhum sabiam ler, inclusive eu, mas ela fazia de tudo para que a gente aprendesse a ler. Eu lembro que ela botava o alfabeto no quadro e chamava de um por um para a gente dizer qual a letra do primeiro nome da gente, e um dia eu fiquei muito feliz, por que ela botou o e eu acertei o ‘M’ de MACHADO.”

Não pretendemos aqui analisar práticas pedagógicas dos professores da época, mais as lembranças da professora. Nesse ponto da “costura do tecido”, notamos que as lembranças que Machado nos apresenta de sua professora são qualidades e responsabilidades para com a educação das crianças. E essas qualidades e responsabilidades a professora Machado internalizou desde esse episódio. Machado, fala dos fios de memórias que demonstram algumas dificuldades com relação à aprendizagem.

“A maior dificuldade que eu tinha era porque, todo mundo tinha uma família para ajudar nas tarefas, nos deveres de casa, nas atividades, e eu nunca tive. Eu estudava só o que aprendia mesmo na escola, não tinha

ninguém para me ajudar em casa. E eu tinha essa grande deficiência de não dá conta da aprendizagem da leitura.”

É evidente nesse trecho da costura que, a professora não tinha acompanhamento da família na sua vida escolar, o que se tornou uma grande dificuldade para a aprendizagem da mesma, nem por isso desistiu de ir à busca do conhecimento. Às vezes são situações como estas que levam o aluno a evadir da escola.

“Na 4ª série , também tive uma ótima professora, a Dona Hália, que inclusive hoje somos colegas de trabalho. Na 4ª série era uma coisa boa, todo mundo já sabia ler, e escrever, todo mundo gostava dela. Ela organizava as apresentações do 7 de setembro e a gente participava, ela falava uma linguagem que a gente entendia”

Geralmente é através do professor do ensino fundamental ou médio que tiramos a inspiração e a vontade de seguir a carreira docente.

“quando terminamos a 4ª série, tinha a colação de grau para ir por ginásio, eu tive que chamar o marido de minha tia e professora Marinalde, o tio Louro. Ai o tio Louro foi ser meu padrinho para eu poder receber o certificado pelo primário, para eu poder fazer o exame de admissão. A colação de grau era obrigatória na nossa escola. Ai fizemos a festinha e o tio Louro estava, e lembro que ninguém de minha família estava, eu era uma filha que ninguém participava da minha vida de estudante, nem meu pai, nem minha mãe, ninguém...”

A relação entre a professora Machado quando criança, o núcleo familiar (pai, mãe), e escola, como podemos notar, era inexistente. Mesmo assim com determinação a professora não desaminou passou no exame de admissão para o ginásio, e continuou a construir sua trajetória profissional/docente que começou no momento em que sua professora e tia Marinalde transpassou valores e responsabilidades para com o cuidado e a preocupação com a educação de crianças.

Compartilhando com as ideias de Farias, Isabel S.F (2008), as lembranças do tempo de infância e da adolescência representam momentos importantes na construção da identidade e dos posicionamentos nas relações sociais. Embora estejamos analisando a trajetória de vida da

professora Terezinha Machado, que é uma história singular, até porque, ninguém vivencia o mundo de uma forma idêntica, podemos fazer aproximações de alguns pontos vivenciados dessa trajetória de vida com a trajetória de outros professores.

“Tive outra ótima professora a Dona Maroquinha, ela era nossa professora de história. Tudo que ela falava me chamava atenção, também além dela dá aula de história ela dava aula de educação moral e cívica, muito boa professora. Acho que foi por isso que fiz história na UEMA.”

A formação profissional é um meio pelo qual o professor reconhece-se como um profissional habilitado para trabalhar como determinadas especificidades. Corroborando com Farias, Isabel (2008), onde a formação configura-se como uma atividade humana, inteligente e inerente, e que é sempre processual. Vemos na entrevista a procura da professora pela formação profissional para engatar no mundo do trabalho, onde optou pelo magistério, em vista que a região era muito pobre e a demanda de professores era insuficiente. A professora no diz:

“Quando terminei o ginásio, fui para Floriano – PI, para fazer o magistério, lá na escola Osvaldo da Costa e Silva. E o que me motivou a fazer o magistério era a questão de ter um emprego mais rápido, porque como a nossa região era carente de professor, ai nós estudava para voltar para nossa cidade para ser professor. Tinha mais campo para área da profissão e eu era apaixonada querendo ser professora também, e essa paixão vem desde quando comecei a estudar, vendo meus professores dando aula, e eu queria imita-los.”

Vimos até aqui um breve relato dos fios de memórias da história de vida e escolar da professora Machado, suas vivências, suas influências e dificuldades desde quando começou a frequentar a escola, influências essas que foram moldando a criança da 2ª série que não sabia ler aos 8 anos, até tornar-se uma professora do Ensino Médio, comprometida com a responsabilidade que suas instrutoras foram transmitindo dos anos iniciais de seu trajeto de vida escolar. Uma sementinha plantada e que hoje gera frutos.

O professor é um ser humano como outro, ele se reproduz por meio de relações externas com o mundo. Sendo assim, como ser humano o professor também é falho em algumas de suas ações. Após o término do magistério era chagada a hora de alçar voos mais altos, onde a renovação de valores e saberes se constituem na prática do fazer docente, sendo

que, é na prática e pela prática que o professor, com toda sua história de vida vai se definir como um profissional.

“Quando terminei o magistério voltei para Nova Iorque – MA, e fiquei sabendo que em Porto Alegre – PI, estava precisando de professor, aí fui na casa de um vereador pedir para eu ir trabalhar, dois dias depois o prefeito foi pra Porto Alegre e imediatamente eu fui chamada pra trabalhar. Comecei a trabalhar na minha cidade natal, e foi muito difícil porque o que a gente aprendeu era uma coisa e a realidade era outra. Ai logo quando comecei a trabalhar me deram logo o cargo de diretora da escola, e a escola estava passando por um momento de muito conflitos. Devido a professora anterior que teve um problema lá e acabou a policia assumindo a direção da escola. E eu fui receber a chave na mão do soldado lá na escola, e ele disse assim pra mim “a senhora tem coragem”, aí eu disse eu tenho, vamos vê como vai ser. E realmente foi muito difícil, as pessoas não tinham hábito de saída, entrada, planejamento, mais eu tive muito apoio da comunidade, e no fim deu tudo certo.”

Notamos nos fios de memória da professora aspectos regionais relevantes da comunidade qual ela teve seu primeiro emprego como profissional da área. O primeiro aspecto que observamos é a prevalência do domínio político da região, tudo tinha que passar pelo prefeito, sendo assim o domínio político regional ainda era coronelista. Outro aspecto relevante é a policia assumindo a direção da escola, nota-se que como força opressora do estado a policia estava tomando de conta do aparelho ideológico mais importante do município, a escola, onde toda a ideologia política “coronelista” era repassada para comunidade. Observamos também que a professora teve dificuldade, uma vez que, o que aprendeu nos bancos da escola de magistério, não condizia com a realidade vivenciada pela comunidade, é nesse processo de conhecimento do local de trabalho e das dificuldades encontradas que o profissional professor se constitui.

“Em 1992, teve o primeiro concurso publico do Estado do Maranhão para professor, fiz minha inscrição. No mesmo período estava grávida do meu segundo filho, tive meu primeiro filho em 1990. Fiz a prova do concurso e passei. Estou com 20 anos sendo professora aqui em Nova – Iorque, e já estou docente algum tempo no Ensino Médio. Foi nesse período que cheguei aqui em Nova Iorque em 1992 que surgiu a universidade, para a gente poder se qualificar para melhor trabalhar na área da educação, de humanizar através da educação né... Ai eu fiz História, talvez porque eu gostasse muito da minha professora de história do ginásio Maroquinha.”

Vemos, que o papel fundamental do professor como diz a professora Machado, é o de humanizar, humanizar através da educação. Acreditamos que a professora sentiu a necessidade de humanizar quando deu a luz a seus dois filhos. Ainda corroborando com Farias, Isabel (2008) é no espaço escolar que o professor se constitui. O saber docente se constitui em um emaranhado de lembranças de ex-professores seus, de sua vida, seu modo de ser e esta no mundo, no modo como nos comportamos diante da sociedade. Carregamos conosco mesmo que inconscientemente marcas de todos que passaram por nós, e essas marcas nos influenciam, assim como a professora Maroquinha influenciou a professora Terezinha a escolher a se graduar em História. É por isso que acreditamos que a construção da identidade docente se faz durante a vida.

“atualmente trabalho com filosofia e sociologia no Ensino Médio. E trabalhar no Ensino Médio é mais prazeroso do que trabalhar nos anos iniciais, porque os alunos já tem mais noção do que é o mundo e é isso o que a filosofia e sociologia querem nos mostrar as entrelinhas da relação pessoa-mundo. E a gente troca ideias com eles, mostrando o que é moral, imoral. E nisso eu vou mostrando tudo o que aprendi na minha vida, de um modo a aprimorar os conhecimentos deles, e vou aprendendo também juntos com eles.”

Como vimos nessa breve costura da história de vida da professora Terezinha Machado, torna-se professor/docente, está imbuído um punhado de sentimentos que se entrelaça entre o profissional e o pessoal, pois é inevitável separar estas duas esferas, uma vez que se complementam, desta forma o ser professor tanto do ensino médio quanto dos outros seguimentos e está em constante processo de humanização. Sendo assim a professora utiliza em sua metodologia didática pedagógica, sua experiência de vida, suas influencias, suas dificuldades e tenta plantar uma sementinha assim como foi plantado nela, para que a sementinha germine e dê bons frutos. Nessa tentativa de moldar seus alunos vai se moldando.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trajetória de vida de um professor como observamos, não é um fenômeno isolado, ao mesmo tempo em que ele está vivenciando as práticas sociais, está interagindo e internalizando conceitos, valores, crenças do outro para si. Embora estejamos abordando a

história de vida de um único professor, existem correlações entre a história de um e outro professor, algo que podemos chamar de pontos de identificação de vida, onde o sujeito se identifica com outras histórias de vida.

Foi possível perceber também que existem motivações que fazem com que a carreira profissional evolua dentro de um quadro satisfatório, e apesar dos pais não apoiarem a professora Machado, houve outras motivações como seus professores, depois seus dois filhos, em fim, sempre haverá algum motivo que irá desmotivar sua carreira profissional, mais quando você olha para traz, e vê que construiu uma trajetória de vida cheios de sonhos e perseverança só lhe tem a opção de continuar educando, como é o caso da professora Machado.

Observamos na história de vida da professora, que o professor não é algo alheio ao mundo, não é um “et”, está sempre em processo de constante humanização, a medida que humaniza é humanizado, é um processo de práxis social. Assim como qualquer outro ser humano, também tem sentimentos, sofrimentos e aprendizagens, e são esses elementos fundamentais que fazem o saber docente se constituir, onde a construção desse saber é uma ação contínua e processual, que começa quando nascemos e termina quando morremos.

Assim como notamos ao decorrer deste texto, as lembranças e memórias influenciam a carreira docente, tal como influenciaram a professora Machado desde os anos iniciais, e as experiências que estas lembranças e memórias transbordam são utilizadas dentro do planejamento didático pedagógico do ensino da professora, desta forma a trajetória de vida de um professor acaba por influenciar de algum modo seus alunos, assim como também o perfil profissional do professor/docente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANHA, Maria de Arruda. **História da Educação e da Pedagogia: geral e do Brasil**. São Paulo: Moderna, 2006.

BARROS, José D’Assunção. **História e memória** – uma relação na confluência entre tempo e espaço. *MOUSEION*, vol. 3, n.5, Jan-Jul/2009.

BURKE, Peter (org). **A Escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: Editora UNESP. 1992.

FARIAS, ISABEL S.F. **Didática e docência: aprendendo a profissão**. Fortaleza: Líber, 2008.

HALBWASCHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

LOPES, Eliane Marta Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **História da Educação: Uma disciplina, um campo de pesquisa**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

NASCIMENTO, Francisco de Assis e Sousa; FERRO, M^a do Amparo Borges. Pesquisa Qualitativa: História Oral das Investigações das Histórias de Vida, In: FERRO, M^a do Ampara Borges; NASCIMENTO, Francisco de Assis Sousa; SOUSA, Lourenilson Leal de. **História da Educação: novos olhares velhas questões**. Teresina: EDUFPI, 2009.

ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In: AMADO, Janaina & FERREIRA, Marieta. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV. 1998.

SAVIANI, Dermeval. “Breves considerações sobre fontes para a história da educação”. In: LOMBARDI, J. C. e NASCIMENTO, M. I. M. (Org). **Fontes, História e Historiografia da Educação**. Campinas: Autores Associados, 2004. p. 3-12.